

RESENHAS

SIGERIST, Henry Ernest. Civilização e doença. Tradução Marcos Fernandes da Silva Moreira com a colaboração de José Ruben de Alcântara Bonfim. Apresentação Everardo Duarte Nunes. São Paulo: Hucitec-Sobravime; Campinas: SindiMed, 2011. 346 p.; il. (Saúde em debate, 122).

Denis Antônio de Mendonça Bernardes¹

A publicação brasileira de *Civilização e doença*, sessenta e quatro anos depois de sua primeira edição em inglês, é um acontecimento cultural que deve ser assinalado e amplamente divulgado. Não apenas pelo tema em si, de grande interesse e importância, mas pelas qualidades deste livro que, no essencial, guarda todo o vigor de quando foi publicado, em 1944.

Henry E. Sigerist (1891-1957), médico suíço, historiador da medicina, é uma referência obrigatória não apenas neste campo, mas na concepção e defesa de políticas públicas de saúde, na elaboração de uma sociologia e econo-

mia da medicina e na percepção de que a medicina como saber e como prática profissional somente pode ser inteiramente compreendida quando inserida no feixe de determinações culturais, sociais, econômicas e políticas. Daí o sugestivo título deste livro, talvez o mais difundido em sua vasta obra: *Civilização e doença*. O que significa que saúde, doença e cura são fenômenos cuja existência ultrapassa os aspectos mais diretamente técnicos do saber médico. Afirmação, para muitos, hoje banal, depois inclusive de toda a batalha da Reforma Sanitária e da implantação do SUS, ainda em curso no Brasil, mas que não se impôs sem lutas e que ainda encontra opositores nos defensores de uma medicina privatizada, tecnificada, em

suma, mercantilizada. Um ramo da acumulação capitalista como a produção de automóveis, de roupas ou de cosméticos.

Para darmos ao leitor o gosto e o desejo de travar um contato direto com este livro, afinal o objetivo desta resenha, deixemos falar seu próprio autor:

"A finalidade de medicina não é, meramente, curar doenças; é antes, a de manter os homens ajustados a suas ambiências, como membros úteis da sociedade; ou de os reajustar, quando a enfermidade os domina. Essa tarefa não é cumprida simplesmente por uma restauração física, mas deve prosseguir até o indivíduo encontrar de novo seu

lugar na sociedade, seu lugar antigo, se possível, ou, se necessário, um novo. É por isso que a medicina é basicamente uma ciência social.

A atitude da sociedade diante do homem doente e sua avaliação da doença e da saúde mudou muito no curso da história. Em todos os tempos a doença isolou socialmente suas vítimas, pois as vidas dos indivíduos doentes são diferentes daquelas das pessoas saudáveis. O homem doente é atirado para fora da engrenagem da vida, vê-se confinado em seus movimentos, de-

samparado e compelido a depender da assistência de outros.

A posição presente do homem doente, na sociedade, é muito complexa, o resultado de desenvolvimentos históricos que temos de analisar, brevemente, se queremos obter uma visão clara do assunto (p.74).

Estas palavras, que constituem um verdadeiro programa de investigação e um ponto de partida metodológico, foram escritas em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, por ocasião de uma série de conferências proferidas pelo autor, na Universidade de Cornell, Nova York. Neste momento, Sigerist morava nos Estados Unidos e trabalhava no Instituto Johns Hopkins

de História da Medicina. E este livro exemplifica, admiravelmente, estas afirmações. Ao longo de doze capítulos, com uma impressionante erudição (Sigerist dominava onze línguas), as relações entre Civilização e doença são examinadas em seus mais diversos aspectos e em diferentes tempos e lugares. Livros sagrados, a exemplo da Bíblia, tão fundamental na conformação ético-mental do Ocidente, antigos e mais recentes repertórios legislativos, a literatura, a iconografia são utilizados para fazer da história da saúde, da doença e da sua cura (ou não) uma história total. Para dar ao leitor uma idéia da riqueza e amplitude deste livro, não resisto a reproduzir a ordem e os assuntos dos seus capítulos: 1. A civilização e a gênese da doença; 2. Doença e economia; 3. Doença e vida social; 4. Doença e lei; 5. Doença e história; 6. Doença e religião; 7. Doença e filosofia; 8. Doença e ciência; 9. Doença e literatura;

10. Doença e arte; 11. Doença e música; 12. Civilização contra a doença.

No interior de cada uma destas grandes divisões do livro, encontramos uma dialética que vai de uma história total à micro-história, do factual ao contexto, do mental, do religioso (tão inseparável até hoje da doença e da cura) ao que poderia ser classificado como uma antropologia cultural da doença e da cura. Assim, não deixam de serem examinados elementos tão fundamentais do cotidiano como a habitação, o vestuário, a alimentação, as atividades profissionais e suas relações com o bem estar ou o adoecer.

Desenvolvimentos posteriores das disciplinas como a história da medicina, sociologia, antropologia e economia da medicina, bem como os novos desafios das políticas públicas de saúde, podem ter trazido revisões para algumas das

afirmações ou análises contidas neste livro, pioneiro sob tantos aspectos, mas, certamente, não retiraram nem retirarão o seu lugar na literatura que tratou e tratará de tais temas.

Esperando que o leitor confira por si mesmo as qualidades deste livro, que não interessa apenas aos diversos profissionais da saúde, nem somente a historiadores, antropólogos ou sociólogos, mas a todos que desejam conhecer e compreender um aspecto tão essencial de nossa existência pessoal e social, desejo, ainda, acentuar algumas características desta edição brasileira, integrante da Coleção saúde em debate, da Editora Hucite/Sobravime, referência fundamental na área da política de saúde.

Esta edição está enriquecida com uma Apresentação de autoria de Evardo Duarte Nunes, que situa com muita propriedade os principais elementos da vida e da obra

de H. E. Sigerist e faz um balanço da literatura sobre sua produção e significado. Percebemos em todo o livro um especial cuidado editorial, com pertinentes notas do tradutor e uma importante nota vocabular do editor científico do livro, José Ruben de Alcântara Bonfim. Deste e de Camila Verbisck Alcântara Bonfim há, ainda, um Apêndice bibliográfico de quatorze páginas com obras de H. E. Sigerist e sobre seus trabalhos.